

Ana Janeiro é uma jovem fotógrafa que tem desenvolvido um caminho promissor, com um trabalho consistente e sólido. Acaba de realizar uma exposição individual intitulada *Onze*, na Galeria Municipal Lagar de Azeite, em Oeiras. Apesar de não ter o hábito de dar títulos às suas obras, neste caso, justifica-o esclarecendo o seguinte: «Onze era o número da porta da casa onde fotografei, sendo o 1, espelho dele próprio em simetria». O nascer da ideia desta obra foi baseado no livro *Do Outro Lado do Espelho*, de Lewis Carroll.

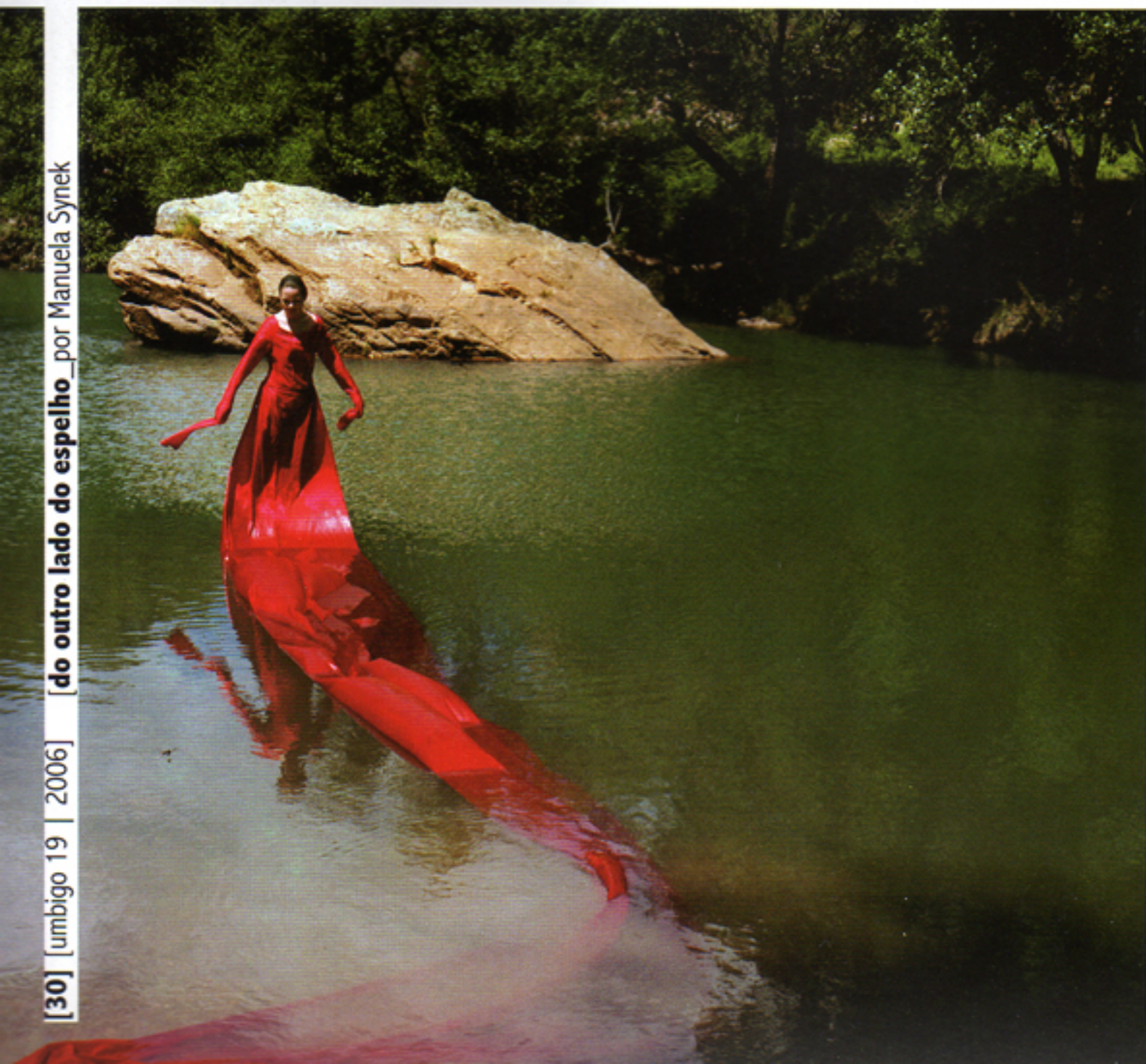
As suas fotografias iniciais eram compostas por uma única figura em auto representação, com uma simplicidade que se transformou em planos sucessivos à semelhança de visões próximas do cinema, onde a figura deixa de ser única para passar a ser dupla, construída a partir da sua própria imagem. «Comecei a usar-me como objecto do meu trabalho, o que acabou por se tornar uma forma de expressão». É uma pesquisa mais trabalhada na qual as figuras são de carácter meditativo, reflexivo, interventivo, com maior acção de performance. Conseguiu encontrar uma empatia na identificação das imagens que podemos transportar para nós próprios. O método de trabalho de Ana Janeiro inicia-se com um assunto sem contornos concretos, baseando-se numa pesquisa teórica e visual.

SOU APENAS UM ACTOR OU UM PERFORMER A REPRESENTAR UM PAPEL



ANA JANEIRO

NASCEU EM LISBOA EM 1978. FREQUENTOU O CURSO DE FOTOGRAFIA DA AR.CO, TEM O BACHARELATO EM PINTURA PELA FACULDADE DE BELAS-ARTES DE LISBOA E FREQUENTOU O CURSO DE CINEMA DE ANIMAÇÃO, NA FUNDAÇÃO GULBENKIAN, É MASTER OF ARTS EM FOTOGRAFIA PELO KENT INSTITUTE OF ART AND DESIGN, EM ROCHESTER (INGLATERRA). EM 2004 OBTVEU O PRÉMIO DE ARTES PLÁSTICAS DA FUNDAÇÃO MARQUÊS DE POMBAL. COMEÇOU A EXPOR INDIVIDUALMENTE DESDE 1998.



Trata-se de uma temática enquadrada no universo feminino, numa pesquisa permanente do corpo. Colocando uma série de questões, cria um conjunto de situações num jogo e numa dupla situação entre duas figuras femininas iguais. A auto representação em confronto, num processo interactivo entre a personagem e o seu espelhar, uma espécie de diálogo entre o real e o virtual onde as personagens se encontram em posições e gestos simétricos ou diametralmente opostas. Mas é sempre como se existisse um espelho imaginário diante delas que as separa e divide obsessivamente. Como se os dois seres femininos que vagueiam numa casa tentassem travar uma conversa, aproximando-se, “tocando-se” sem se encontrarem no mesmo espaço físico, e assim comunicam, de uma estranha maneira. A casa é o espelho ou será a personagem o espelho dela própria? «O que estará do outro lado?». Deixa subjacente uma questão crucial: «Serei eu, do outro lado do espelho, do outro eu possível?». Isto quando não surge na mesma composição uma terceira imagem, essa sim reflectida através de um espelho “real”, construindo três rostos semelhantes num jogo triangular. A artista prefere esses espaços interiores dando um aspecto e uma atmosfera mais intimistas.

Os cenários que utiliza são espaços interiores dentro de casas que conduzem ao universo feminino. A casa simboliza a mulher e a mãe. Aliás, Ana Janeiro tira partido da escolha dos ambientes criados, onde as linhas

arquitectónicas aparecem para compor os seus cenários, optando por espaços de passagem como os corredores e locais junto de portas envidraçadas onde a luz do exterior surge repentinamente. Há um contraste visual entre as duas personagens num processo de auto representação, como se um dos corpos se interrogasse perante a sua dupla sombra numa atitude de procura, de controlo e de vigilância. Deparamos assim com um processo semelhante ao do voyeurismo. Noutras situações, a figura surge como se quisesse fugir silenciosamente ou afastar-se de si própria.

A duplicidade num processo iconográfico de auto representação em fotografia não é um tema novo na arte contemporânea. Aliás é bastante frequente encontrarmos este género de problemáticas, como em Helena Almeida (ver *Umbigo #9*), numa relação entre a fotografia e a pintura; em Jorge Molder numa relação entre a fotografia e o mistério; em Cecília Costa (ver *Umbigo #15*) numa integração mais urbana e em Rute Rosas (ver *Umbigo #17*) numa relação entre dois corpos. O uso do próprio corpo através de uma performance para um registo fotográfico é já um meio de expressão em si mesmo. Ana Janeiro explica que só nesse ponto o seu trabalho poderá sugerir uma aproximação com os artistas mencionados, porque esteticamente coloca questões diferentes, de possíveis identidades. O que é diferente é a intenção, esta

forma de colocar duas figuras interagindo-se, através de um espelho, tentando enveredar para um novo objectivo. Há sobretudo a tentativa de conhecer o outro e não a si própria, numa interrogação sobre a essência da identidade. «Uso a minha imagem através de uma performance com o propósito de explorar questões de identidade. Uso o meu corpo e a minha imagem para criar outras personagens e outros universos», refere Ana Janeiro. Esta identidade que explora é no sentido mais abstracto, uma procura e uma exploração de um outro no sentido universal. Do ponto de vista filosófico, só podemos conhecer o outro depois de nos conhecermos a nós próprios.

Em 2003, Ana Janeiro realizou um conjunto de imagens fotográficas durante o Master of Arts em Fotografia. Foi uma experiência para quebrar a sua forma de trabalhar muito mais intimista, sempre em espaços interiores. Podemos considerar estas peças em jeito de instalações, onde a figura feminina - a própria artista - se encontra aqui inserida numa paisagem natural. As fotografias foram feitas a uma escala muito diferente. Nestas imagens verifica-se que o clima e a atmosfera de carácter intimista desapareceram para dar lugar a fotografias de teor poético onde o corpo feminino surge desintegrado da natureza com uma série de vestidos, de vestes coloridas em tons de vermelho sangue ou azulão (cor já utilizada frequentemente noutras séries pela fotógrafa). Em algumas dessas composições surge uma expressão bem conseguida realçada pelos longos e compridos vestidos desmesurados ao nível da escala, relativamente

à paisagem monumental. Essas vestes cobrem parte da paisagem numa espécie de chamada de atenção, em jeito teatral. O corpo é como que prolongado pelas vestes que se arrastam atrás dele, marcando percursos definidos, distintos traçados e assinalando vestígios humanos centrados nas diferentes situações paisagísticas. Essas vestes volumosas e extensas estão desenhadas e construídas como se fossem o prolongamento estético e artístico do corpo humano, tendo a função da existência como a sombra do corpo em rastos e caminhos sucessivos. A paisagem está como que surpreendida por esses corpos estranhos à natureza, postados na horizontal ou na vertical, passando a funcionar não como um espaço de liberdade mas como se estivessem aprisionados por esta acção performativa. Por vezes, a mesma personagem feminina aparece no meio da água ou em cima de um rochedo também rodeado de água, onde as vestimentas tomam proporções gigantescas, sobretudo as de vermelho intenso, ganhando uma nova dimensão exagerada na teatralidade cénica conseguida. O vermelho desempenha na água a função simbólica de sangue, de feridas hemorrágicas corporais como que incontroláveis, projectadas e espalhadas pelas águas. Nestas cenas historiadas, o corpo passa a deixar de ter importância para centrar-se no seu próprio prolongamento, através das vestes que a acompanham, arrastando vestígios claros de algo que está prestes a acontecer.



Sem título, 2003



Onze, 2004